

**VI Encontro Nacional de Estudos do Consumo**  
**II Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**  
**Vida Sustentável: práticas cotidianas de consumo**  
**12, 13 e 14 de setembro de 2012 - Rio de Janeiro/RJ**

**O que é o Animal? Tensões entre Natureza e Cultura na Ética Vegana**

Taiane Linhares<sup>1</sup>

**Resumo**

Busca-se aqui lançar a reflexão sobre “o que são os animais” e “quais são as suas necessidades” a partir do ponto de vista dos adeptos do veganismo. Ao explicar o que são os animais, os veganos falam da própria concepção do que é o humano. Os veganos defendem que todos os animais, o que nos inclui, devem ser considerados membros de uma mesma comunidade moral por serem sencientes e sujeitos que possuem interesses próprios. No entanto, não há entre eles um consenso sobre quais seriam as barreiras entre os animais humanos e os animais não-humanos. Existe uma tensão entre natureza e cultura, onde os outros animais estariam ora confinados ao plano dos instintos, ora deliberando racionalmente sobre os seus atos e estabelecendo relações de empatia com humanos e seres de outras espécies. Os veganos buscam a não-interferência na vida animal, mas no cotidiano são confrontados com situações em que é preciso negociar com seus próprios princípios éticos.

**Palavras-chave:** Senciência; Instinto; Racionalidade

**1 - Introdução**

A proposta do presente artigo é de compreender as motivações que levam os adeptos do veganismo a realizar mudanças significativas em suas formas de pensar a relação entre os humanos e os demais animais, o que influi diretamente em suas práticas diárias. O veganismo é um modo de vida caracterizado pela renúncia ao consumo de produtos de origem animal (como carne, ovos, leite, mel e couro) e pelo boicote a empresas que patrocinam rodeios e testam seus produtos em animais. O conjunto das práticas veganas encontra no amplo território do consumo alimentar espaço para se desenvolver. A não

---

<sup>1</sup> Mestre em comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. taianelinhares@yahoo.com.br

participação em atividades que causem “exploração animal”<sup>2</sup> é o princípio ético que conduz a ascese vegana. O objetivo que visam ao reconfigurar parte de suas práticas cotidianas é a “libertação animal”, isto é, um momento em que os animais deixarão de ser matéria-prima e força de trabalho a serviço dos humanos.

Na dissertação de mestrado “Veganismo, Consumo e Subjetividade: Narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual” (LINHARES, 2011), foi possível, através do acompanhamento das discussões realizadas na comunidade do Orkut “Veganismo”, observar como, ao explicar a necessidade de redefinir o olhar humano sobre o animal e reorganizar as práticas diárias de consumo, os veganos articulavam discursos que faziam referência às distinções entre natureza-cultura, indivíduo-sociedade e sujeito-objeto. Com o objetivo de retomar essa questão, este artigo lança um olhar mais atento sobre as formas de relação entre os humanos e os demais animais adotando o ponto de vista vegano. Para isso, foram conduzidas entrevistas em profundidade com cinco veganos do estado do Rio de Janeiro. A hipótese aqui defendida é a de que definir o status das relações que se estabelecem entre humanos e não-humanos é fundamental para que o vegano sustente a coerência ética e prática de sua escolha.

Entre os veganos entrevistados, quatro optaram pelo modo de vida há mais de dois anos e um é vegano há menos de um ano. Felipe, morador de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, e vegano há sete anos, é o que se mantém sem produtos de origem animal há mais tempo. Roberto também mora em São João de Meriti e é vegano há seis anos. Sandra é moradora da Tijuca, na Zona Norte da cidade do Rio. Ela é mãe de um casal de pré-adolescentes, um vegano e uma ovolactovegetariana. Sandra se tornou vegana há cinco anos. Gabi é vegana há aproximadamente dois anos e mora em Pedra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio. Ela fundou em 2008, junto a outros vegetarianos, um grupo de educação em direitos animais que atua, principalmente, na Zona Oeste da cidade. Maurício é vegano há menos de um ano, mora no Centro do Rio e ainda se adapta às novas práticas. As cinco entrevistas semi-estruturadas foram realizadas na cidade do Rio de Janeiro na casa dos veganos ou em locais públicos, como centros culturais e galerias comerciais. As entrevistas tiveram entre duas horas e meia e uma hora de duração.

---

<sup>2</sup> A categoria nativa “exploração animal” é compreendida aqui como o ato de objetificar ou desindividualizar a vida de um animal, transformando seu corpo em mercadoria ou força de trabalho.

## 2 - Iguais, mas em níveis diferentes: nós, os animais

Como a ética vegana diz respeito aos animais, definir o que são esses seres é um ponto crucial. A preocupação com os animais não-humanos se dá, a princípio, de forma intuitiva. Compreende-se que há algo que nos une a outros seres terrestres, mas nem sempre se consegue explicar essa afinidade do ponto de vista lógico. Para um vegano iniciante, é comum que a percepção sobre o que é o animal ainda se encontre embasada em fatores bastante subjetivos. Maurício é vegano há alguns meses e ainda está se ambientando aos conceitos caros a essa ética. Em sua forma de ver o mundo, ele acredita que somos parte de um todo equilibrado. Ao ser questionado sobre o porquê de eleger os animais como objeto de reflexão, ele tenta se explicar da seguinte forma:

Porque é outro... é vida, é diferente. Animais são, sei lá, é uma ideia meio humanizada, mas você interage com eles. Parece que têm mais vida... não é que têm mais vida... demonstram mais isso. Têm sistema nervoso, sentem, planta não tem nada disso.

Entre os veganos, costuma-se utilizar a categoria “senciente”<sup>3</sup> para definir o que é o animal. De acordo com Felipe, “por definição, os animais são sencientes, o que significa que eles sentem dor e emoções, que são sentimentos bem básicos, primitivos. Qualquer ser senciente sente dor e determinados sentimentos”. Sandra é integrante do grupo carioca da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB-Rio) e está sempre em contato com outros veganos. Embora assuma não ter lido muitos livros sobre ética animal, participa sempre de discussões sobre o tema defendendo o veganismo frente a não-veganos. Para Sandra, o animal é, acima de tudo, um ser senciente:

Tem gente que não gosta do critério senciência. Eu gosto. E acho que em termos de comunidade moral temos que incluir todos os animais sencientes, que têm capacidade de sentir, têm consciência sobre as próprias sensações, sobre o ambiente em que ele está, sobre a interação com os outros seres. E tem animais tão diversos. Os macacos, que têm capacidade de linguagem tão importantes, e tem a minhoca que é senciente mas que não sei se estabelece relações interpessoais.

Sandra chama atenção para a diferença que existe entre os animais que são abrangidos na categoria da senciência, como minhocas e macacos. Nem todos os animais ditos sencientes, no entanto, são conscientes, como ela afirma. Em julho de 2012, um grupo de neurocientistas assinou a Declaração de Cambridge sobre a Consciência assumindo

---

<sup>3</sup> Senciente *adj* que sente **1** que percebe pelos sentidos **2** que recebe impressões (HOUAISS e VILLAR, 2009, p.1728).

que mamíferos, aves e outros animais, como o polvo, são seres conscientes. O manifesto afirma que as estruturas neurológicas que produzem consciência nos seres humanos também existem nesses animais. Ao assinar o documento, o grupo de neurocientistas assume que animais não-humanos têm a capacidade de produzir comportamentos intencionais.<sup>4</sup>

A sciência, na ética vegana, é uma característica geral e generalizante que tem por objetivo aglomerar seres de diferentes constituições biológicas no reino chamado animal. É uma definição de barreiras importante para o exercício da ética vegana. No entanto, na história recente da humanidade, nem sempre esse fator foi considerado. No ocidente, a tradição filosófica há muito priorizava o *logos* como fator principal na constituição daquilo que se chama o humano, em oposição à sua negação: o animal. Jeremy Bentham gerou uma guinada nos esquemas ocidentais de diferenciação entre o humano e o animal ao, em vez de perguntar se os animais podem pensar, raciocinar ou falar, questionar se eles *podem sofrer*. Derrida (2002) atenta para a mudança de foco, nesse contexto, da priorização da atividade e da condição de sujeito – presente em Aristóteles, Descartes, Heidegger, Levinas e Lacan – da qual o animal é, geralmente, excluído, para a valorização da própria passividade na qual nos encontraríamos com os animais.

Poder sofrer não é mais um poder, é uma possibilidade sem poder, uma possibilidade do impossível. Aí reside, como a maneira mais radical de pensar a finitude que compartilhamos com os animais, a mortalidade que pertence à finitude propriamente dita da vida, à experiência da compaixão, à possibilidade de compartilhar a possibilidade desse não-poder, a possibilidade dessa impossibilidade, a angústia dessa vulnerabilidade e a vulnerabilidade dessa angústia. (DERRIDA, 2002, p. 55)

Ao mesmo tempo em que a perspectiva de Bentham gerou bases racionais para o desenvolvimento de uma identificação entre humanos e animais, reafirmou, junto ao ponto de vista logocêntrico, o modelo de distinção que renega o animal à posição de objeto da ação humana. Somos, portanto, mais do que animais, ao passo que extrapolamos a condição que nos aproxima ao animal (o *poder sofrer*), posicionando-nos como sujeitos capazes de agir sobre o mundo e sobre si mesmos.

No entanto, o ponto de vista vegano, expresso pelos entrevistados, reconhece que os animais não-humanos são sujeitos com interesses próprios, além de unidades biológicas

---

<sup>4</sup> A carta pode ser baixada em <http://fcmconference.org/>. Último acesso em 15 de agosto de 2012.

dotadas da capacidade de sentir dor. Gabi, ativista atuante no movimento de defesa dos animais na Zona Oeste do Rio, acredita que:

O animal é um sujeito, um indivíduo, no mesmo patamar dos seres humanos, mas de espécie diferente. Possui interesse próprio e, independente de ser um cachorro, um porco ou um menino, ele tem que ser respeitado, tem que ser protegido.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Sandra também define o animal como um ser que tem interesses que devem ser respeitados. A liberdade aparece na fala de Sandra como importante para os animais. Para Sandra, o animal tem interesse:

De ficar livre, de fazer o que ele tem vontade. Ele nasceu pra fazer o que ele quer, ele não nasceu para ficar enjaulado. Viver, não se machucar, não sentir dor, eu acho que são os interesses de qualquer ser senciente. Só isso. Não sei se tem mais, não sou uma pessoa muito teórica não.

Ao serem questionados sobre as similaridades entre os humanos e os animais, foi comum ouvir a afirmação de que também somos animais. Isso significa, portanto, que as características que foram afirmadas como típicas dos animais são os mesmos aspectos que nos aproximam deles. A senciência, ponto fundamental apresentado pelos veganos na distinção do que é o animal em relação aos outros seres vivos, não é a única característica que todos nós teríamos em comum. Sandra vê as proximidades para além dos sistemas de manutenção da unidade biológica. Ao ser perguntada sobre as similaridades com os demais animais, ela diz que:

Nós temos a subjetividade. Não sei até onde vai o conceito de senciência. Na minha cabeça a senciência está mais conectada com sensação física, dor, fome, frio, medo, mais do que com subjetividade. Claro que tem uma parte que se mistura. O desejo de estar junto com um animal ou de se afastar, o medo, a raiva. Isso tá mais pra subjetividade, mas as coisas se misturam um pouco. A própria mobilidade dos animais. Eu sou espírita. Não queria meter a religião no meio não, mas não tem como eu não meter. Livre-arbítrio, eu acho que os animais têm livre-arbítrio, são indivíduos.

Há aspectos que são utilizados ora como fatores de aproximação, ora como fatores de diferenciação entre nossa espécie e as demais do reino animal. A capacidade de raciocinar, por exemplo, é um desses pontos discordantes. Comentando um artigo de Midgley em que ela indaga o motivo para que a intencionalidade seja excluída de uma concepção científica do animal, Tim Ingold destaca que

Os cientistas, em suas tentativas de dar conta das performances frequentemente muito complexas e variáveis de outras espécies, evitando transgredir as fronteiras convencionais da animalidade, foram forçados ou a simplificar suas descrições sobre o que os animais fazem, omitindo certos detalhes perturbadores, ou a propor mecanismos, os mais tortuosos e enrolados, para explicar o que geraria os padrões observados. No entanto, o princípio regular da parcimônia explanatória, cientificamente aprovado, se fosse conscientemente aplicado, favoreceria explicações muito mais econômicas expressas em termos de habilidades animais que servem para fazer seu próprio ajuste entre meios e fins por meio do processo de deliberação racional. (INGOLD, 2007, p.136-137)

Não há consenso entre os veganos entrevistados sobre a existência nos animais não-humanos da capacidade de agir intencionalmente. Sobre os animais que já teve em sua casa, Felipe não acredita que se guiassem para além das próprias características da espécie: “Os gatos são mais independentes, os cães são mais carentes, os pássaros estão lá, só estão”. Antônio acredita que os animais agem quase sempre por instinto, mas admite que os seres humanos têm atitudes tão instintivas quanto os outros animais.

A gente também age por instinto. Richard Dawkins escreveu o gene egoísta, que achei bem sensacional. Ele diz que nós humanos, animais complexos, somos só uma forma de fazer os genes sobreviverem. Somos máquinas programadas para fazer os genes sobreviverem. O animal, ao ser solidário, está agindo por interesse próprio. Se eu ajudo um animal, mesmo que não seja a minha cria, a espécie está sobrevivendo. Nós também somos assim. Em qualquer situação de pânico, mesmo existindo todo o feminismo hoje, você não consegue pensar que o homem deve sair primeiro. Mulheres e crianças primeiro.

Sandra acredita que os animais são racionais, têm personalidade e são capazes de se comunicar e transmitir cultura, mesmo que em um nível inferior ao dos humanos. Ela diz que a primeira atitude de um de seus gatos ao chegar em casa foi fazer xixi no ralo do box: “Ele previu que o cheiro do xixi é ruim. Não é puramente instintivo. Você pode pensar que eles fazem assim pra trás com as patas para esconder o xixi, mas não foi isso que ele fez”. Ela conta que, em certa ocasião, seus gatos tentaram mostrar para uma amiga onde se encontrava o saco de ração.

A ração estava dentro do banheiro com a porta trancada. Ela disse que procurou a ração na cozinha, onde pessoas normais guardam ração, mas não achou. O Apolo foi para a porta do banheiro e começou a miar para mostrar que a ração estava lá. É óbvio que eles pensam. É diferente da forma que a gente pensa, mas eles pensam.

Gabi também acredita que os animais não são apenas movidos pelo instinto, mas que são providos de subjetividade e racionalidade. A diferença entre humanos e outros animais nesse ponto está no nível de complexidade.

Possuem inteligência, possuem raciocínio. Sim, em níveis diferentes, com interesses diferentes. Mas para a sua vida ele possui uma inteligência que é suficiente para o que precisa. Acho que são essas as semelhanças básicas que colocam todo mundo no mesmo patamar. São todos animais sensíveis, conscientes, inteligentes, racionais, com esse interesse de não sentir dor e de ter liberdade. Todos nós almejamos isso, manter a nossa própria vida com uma qualidade boa.

Gabi defende que os animais possuem personalidade que não necessariamente tem a ver com as características de suas espécies. Ela conta que, certa vez, sua cachorra tentou a todo custo se comunicar com a sua família.

Lá em casa quando tínhamos a Boneca e a Loira, que foi a filha dela que ficou com a gente, o portão abriu, a Boneca fugiu e foi atropelada por um ônibus. Ela teve a sorte do ônibus parar, um cara descer e colocar ela na calçada. Eu acho que ela estava caída e quando retomou a consciência se levantou e voltou pra casa. Na época tinha um sofá na varanda e ela se escondeu embaixo. A Loira entrava em casa desesperada o tempo todo, fazendo sons e correndo lá para fora. A gente achou que era bobeira dela, não conseguíamos imaginar o que havia acontecido. Ela teve que fazer isso várias vezes, várias vezes, trocar de estratégia na forma de comunicação dela com a gente. Então quando a gente decidiu levantar, ela correu até a varanda onde estava a Boneca e olhou lá pra baixo do sofá.

De acordo com Ingold (2007), aos animais não falta a capacidade de comunicação, mas sim a linguagem. Por esse motivo, a substância de sua comunicação não possui conteúdo ideacional, consistindo de instruções em vez de proposições. Para Ingold, portanto, os animais não “conversam”. A linguagem é sempre lembrada como fator de diferenciação entre os humanos e os demais animais. A capacidade de se comunicar verbalmente é vista como um avanço evolutivo tanto por Maurício como por Sandra. Maurício diz que as diferenças são:

O raciocínio e a capacidade de comunicação. Nós evoluímos muito mais rápido. Os cachorros são cachorros há milhares de anos, o homem, apesar de ser o homem, constrói muito mais coisas. O animal não muda muito, não constrói, não tem esse avanço que a gente tem.

O raciocínio e a habilidade de criar coisas são ressaltados por Maurício como tipicamente humanos. Já para Sandra, essas características não são exclusividade da

nossa espécie. Outros animais também têm alto potencial cognitivo e conseguem, até mesmo, transmitir cultura e utilizar ferramentas para modificar o mundo ao seu redor. Na opinião de Sandra, “a senciência e a cognição unem e a linguagem, a disparidade de linguagens, separa”.

A linguagem verbal é uma coisa que diferencia bastante. Não estou dizendo que faz com que a gente seja mais especial do que eles ou que tenha mais direitos do que eles. Incomoda imaginar que a gente pode se comunicar e a gente não ter tanta noção de como eles se comunicam. Eles passam cultura de geração para geração também, porque eles ensinam coisas uns para os outros. Mas a gente faz essas coisas de uma forma muito diferente, a gente escreve livros, a gente tem instituições seculares que impedem a gente de fazer algumas coisas. Eu estava vendo esses dias um castor fazendo uma represa, algo super complexo, que muda a vida de vários outros seres ali naquele ecossistema. Uma coisa que eu não seria capaz de fazer. Mas é muito diferente. Os animais usam instrumentos, assim como a gente. Eles não têm como falar “ó, tem um cipó ali, quando eu atravessei o rio eu usei o cipó, então quando você for atravessar faz isso também”. Eles não têm essa forma de comunicação, eles têm uma comunicação imediata. Eles têm gritos para falar de perigo, formas de comunicar uma coisa boa, que vão pra lá ou que vão pra cá. Como a gente, eles têm transmissão cultural, mas muito dispare. É uma transmissão cultural que, para a nossa visão, é uma coisa mais imediatista da manutenção das necessidades básicas daquele organismo. Para a gente não, para a gente tem um milhão de conceitos diferentes, cada religião vai ter sua forma de moralidade.

Com esses depoimentos, observa-se que as fronteiras entre animais humanos e animais não-humanos podem ser ainda mais ambíguas. Atribui-se aos outros animais características que, em geral, são indicadas como estritamente humanas. É comum que se diga, apenas, que o grau de complexidade dos humanos é mais elevado no que diz respeito aos aspectos cognitivos.

É importante ressaltar que, embora se refiram ao reino animal em geral, os veganos entrevistados têm em mente um grupo de seres específicos quando explicam o que são os animais. Leva-se em consideração o que se sabe sobre os animais ditos mais próximos, como os animais de companhia (cães e gatos). Ao se referir aos animais, Gabi pensa nos cães:

A espécie específica? Eu acho que cachorro, não sei. São os mais próximos. São indivíduos que estão na minha casa, estão na minha família. Cão e gato. Então são indivíduos que, assim como a minha mãe, eu tenho um laço afetivo, um vínculo afetivo maior.

O grupo dos animais que vêm à cabeça dos veganos quando elaboram o seu discurso pode ser um pouco mais abrangente. Sandra tem uma forte ligação aos mamíferos: “Eu penso mais nos mamíferos, porque eles povoam mais a minha mente. Eu entendo mais”. Antônio tem como referência de animais aqueles que foram domesticados pela espécie humana.

O cão a gente vê hoje em dia como animal recreativo, mas em algumas partes do mundo há quem coma cão e a gente vê com repulsa. Mas não tem só cão, tem galinha, vaca, coelho, bode. Penso mais nesses animais que não conseguem mais sobreviver em estado bruto na natureza, porque eles foram selecionados através do tempo.

### **3 - Repensando as relações com os animais não-humanos**

A ética vegana exige uma reflexão pormenorizada sobre as formas de nos relacionarmos com os demais animais. Um ponto sobre o qual todos concordam é o de que não se deve interferir na vida animal visando o benefício humano. Antônio assume que não interferir na vida de outros animais é difícil, mas ele acredita que é preciso evitar sempre que possível.

Eu sei que vou interferir positivamente ou negativamente em uma vida. A gente não tem controle sobre todas as ações, mas em alguns atos você tem. A questão principal é que eu não quero causar sofrimento a outro ser, eu não quero afetar outro ser vivo. Mas eu sei que afeto conscientemente ou não.

Gabi resgata cães de rua para adoção, atitude que ela considera necessária porque nem sempre os animais domesticados conseguem sobreviver por conta própria. No entanto, ela é contra a interferência humana na vida de animais mais adaptados à vida selvagem.

Mesmo que interferência para procedimentos médicos, acho que não é válido, porque pode criar a cultura da dependência e em certo ponto eles perderem a sua independência, a sua autenticidade, até a sua própria liberdade. Acho que o ideal é o ser humano não interferir, não interferir naquele habitat, naquele ambiente, naqueles animais. No caso dos gorilas existe uma interferência porque ocorrem invasões, assassinatos... Como os animais são indivíduos que estão entrando em extinção, eles dão assistência veterinária. É de novo aquela linha tênue. Existe uma interferência para buscar o benefício deles próprios, mas o ideal, ideal, tirando esse fato específico, seria não ter interferência nenhuma.

Casos em que a interferência humana tem por princípio defender o animal dos próprios humanos são aceitos entre os veganos. Nessas situações, são os interesses dos animais que estão sendo levados em consideração, mesmo que do ponto de vista humano.

Os veganos constantemente se referem à forma como os humanos, em geral, pensam e interagem com os outros animais como uma relação que segue padrões de mercado. Nesses casos, o animal costuma ser visto como um objeto que pode ser possuído. Para Felipe, retirar o animal do status de produto é um dos principais focos da ética vegana: “Eu sou contra o uso de outros animais primeiramente porque eles não são nossos. Você não é minha, eu não sou seu, assim como nós não podemos ter um animal”.

Nesse ponto, é importante sublinhar que interferir na vida de um animal não é o mesmo que explorar um animal. A “exploração animal” ocorre quando o humano objetiva ou desindividualiza um animal não-humano, podendo transformá-lo em mercadoria ou força de trabalho. Como nem toda relação em que há interferência de humanos na vida de outros animais se dá sob a forma da exploração, a definição das situações em que essa prática ocorre pode chegar a níveis bastante subjetivos. Para Gabi, é possível existir relações de exploração entre tutores e animais de companhia. Ela não leva em consideração apenas a atitude objetiva do tutor com o animal, mas o processo que levou o animal de companhia até o tutor e a percepção do tutor sobre a vida daquele animal. No caso em que uma pessoa adota um animal abandonado, ela acredita que não há exploração, já que se está interferindo para proporcionar uma melhoria de qualidade de vida para o animal: “Se você não está utilizando o animal para a guarda da casa, se você não está vendo um animal com finalidades, não vejo como exploração, mas como proteção do animal mesmo”. Pessoas que comprem animais, de acordo com Gabi, estão fazendo parte de uma cadeia de exploração que teve início com o nascimento do animal.

O cara que criou já está explorando o animal comercialmente. O que compra também está dentro da exploração comercial, porque está vendo ele como produto e não como sujeito. A questão de ver o animal como propriedade já é intrínseca à exploração. Você explora alguém quando você se apropria do corpo dessa pessoa. É como se fosse propriedade sua. A pessoa que escolhe a raça não vê pelo indivíduo, ela escolhe por padrões, por causa de status, enfim, é uma relação de produto, de propriedade.

Nesse contexto, retirar o mel de uma abelha ou o leite de uma vaca pode ser visto como “roubo”. O animal deixa o lugar de objeto para ganhar o status de sujeito, dono de seu próprio corpo e do produto de seu trabalho. Para Sandra, é preciso respeitar os propósitos de cada animal.

A abelha faz o mel para ela, não faz o mel para ninguém roubar. Se ela está fazendo o mel é por algum motivo. Ela faz o mel para o uso da colméia. Além de

ser roubo, o processo é super agressivo, eles deixam as abelhas tontas com uma fumaça, um gás, e quando tiram as favas machucam as abelhas.

Ver o animal como sujeito é considerar que ele possui interesses próprios, distanciando-se da ideia de que ele seria um meio para as finalidades humanas. O vegano critica a instrumentalização dos animais em nossa sociedade. A utilização de cães-guias é censurada pelos veganos por ser uma forma de resolver problemas humanos explorando animais. O processo de reprodução, adestramento e comercialização desses cães também é visto como parte do problema. É unanimidade entre os veganos entrevistados a crença de que pode haver uma relação de companheirismo entre o cão e o cego, mas a instrumentalização do animal é vista por si mesma como negativa. Sandra lembra com indignação de uma ocasião em que foi confrontada com a realidade dos cães-guias.

Uma vez eu estava na PUC e tinha um garoto com um cão-guia. Eu fiquei muito chocada com isso. Cheguei e disse ‘ai que lindo, posso fazer carinho nele?’, o garoto disse ‘não, porque ele está trabalhando agora’. Que ódio eu fiquei daquele garoto. Trabalhando é o caralho! O bicho estava ali deitado. Se ele estivesse andando com o cachorro até entendo, porque ele poderia pensar que ia distrair o cão e ele ia tropeçar. Ele estava sentado com o laptop dele e o cachorro deitado. Aquele cara deve ver o bicho só como um instrumento, não deve ter nenhum vínculo de afeto com o cão. Deve chegar em casa e guardar o cachorro assim como a gente guarda uma bengala, um óculos ou um aparelho auditivo. Mas eu sei que há pessoas que amam, têm afeto pelo animal.

Gabi se comove ao falar da situação dos animais em zoológicos e o descaso dessas instituições pelas necessidades dos animais. Para ela, o zoológico apenas reafirma a condição do animal como instrumento das vontades humanas.

O zoológico faz a criança ir até lá e aprender que animal não tem vida própria, não tem interesse próprio, que ele é propriedade humana, que independente do tamanho, que independente da agressividade do animal, ele vai estar ali submetido ao ser humano, encarcerado, sem liberdade e que aquilo ali é natural, que para ele tanto faz estar livre ou encarcerado para ser exposto, e que ele é só um instrumento para a gente. A criança objetivamente vai interiorizando tudo isso. O zoológico para mim é aterrorizante. Você ficar de cara com o leão, que é um animal tão forte, um animal que nem é aqui do Brasil, tão de longe, e ele está extremamente submisso a você. Dopado, doente e preso. E você vai para a casa no final do dia e eles continuam lá, presos servindo ao ser humano e ainda com a justificativa de que estariam sendo protegidos, o que prova que eles não têm valor intrínseco, têm valor pela espécie. Até o modo de falar das pessoas que trabalham em zoológico, como as que trabalham em museu, ‘a gente tem um exemplar de leão’. Então ali é como se não existisse uma alma, um indivíduo ali dentro, ele é simplesmente um exemplar e é por isso que ele está confinado ali, para ser mantido.

A ética vegana, na fala dos entrevistados, prega a não interferência dos humanos na vida das outras espécies animais. Os veganos são contrários à objetificação e à instrumentalização da vida animal por acreditarem que os animais não-humanos são sujeitos que possuem interesses próprios. Do ponto de vista teórico, todos os animais são iguais, mas na prática há diferentes níveis de afinidade entre os veganos e as diversas espécies de animais não-humanos. Esses graus de empatia influenciam diretamente a forma como os veganos se relacionam com os animais.

#### **4 - Espécies diversas, níveis de empatia também diversos**

O contato com os animais de companhia é bastante lembrado pelos veganos entrevistados como fator que levou à reflexão sobre a proximidade entre os humanos e os animais não-humanos. De acordo com Thomas (1983) um fenômeno similar ocorreu na Inglaterra do século XVIII, quando a popularização dos animais de companhia encorajou a elaboração de visões otimistas sobre a inteligência animal, dando origem a inúmeras anedotas sobre a sagacidade animal e estimulando a noção de que animais têm caráter e personalidade individual. Assim foram criados fundamentos para o surgimento da visão de que ao menos alguns animais deveriam ser considerados moralmente. De acordo com Thomas, “é contra o pano de fundo da criação de animais de estimação que deveríamos ver o aumento da tendência no início do período moderno entre cientistas e intelectuais de demolir os limites rígidos entre animais e homens que antes os teóricos tentaram erguer”<sup>5</sup> (THOMAS, 1983, p.122).

No entanto, nem todos veganos mantêm animais de companhia ou desenvolvem relações afetivas com eles. Durante a infância, Maurício teve um cão que ele define como rabugento. Ele lembra que o cão nunca aprendeu a fazer xixi no lugar certo e que ele tinha que levá-lo para passear, o que achava bastante chato. A relação com o cão fez com que ele refletisse sobre a condição dos animais que vivem restritos a um único espaço.

Tinha que levar ele para passear, porque ele ficava o dia inteiro ali dentro de casa. Você puxa uma responsabilidade para você de manter um animal e tem que ficar cuidando o tempo todo para que ele se sinta fora da sua casa. Eu achei muito chato. Mesmo que ele gostasse de brincar, ia chegar uma hora que ia dar no saco. É tipo um filho que tem que ficar cuidando. E eu não gosto de ficar preso.

---

<sup>5</sup> Tradução realizada pela autora.

Roberto acredita que desenvolver laços afetivos com animais é o primeiro passo para convencer não-vegetarianos de que não se deve comê-los. É possível desenvolver empatia por animais não-convencionais, mas, em geral, trata-se de sentimentos pessoais não transferíveis aos outros membros da espécie. Roberto transformou um galo em animal de estimação de sua família.

Na casa dos meus pais tem um galo que ninguém comeu. Iam criar o galo para comer, mas eu fiz uma chantagem emocional para salvar o galo. Eu botava o meu sobrinho para brincar com o galo e fiz ele dar um nome para o bicho. Foi tudo premeditado da minha parte, já sabia que a intenção era matar para fazer uma galinhada. Hoje em dia as pessoas não têm mais coragem de matar o galo, inseri ele na família. Eles não matariam porque criaram um vínculo afetivo. Quando eles puxam o assunto eu digo: ‘é, mas o lá do frigorífico vocês querem comer’. Espero que no futuro algum deles pense na questão.

Gabi diz que cada um dos nove cães que mantém em sua casa, todos resgatados da rua, tem personalidade diferente.

Tem uma que é super rabugenta, que não obedece a gente. Eu tenho uma implicância com ela, uma implicância de irmã, chamo ela de chata. E outros que são mais chodozinhos. Tem o Tofu, que é tipo um poodlezinho que a gente resgatou na beira da estrada. Ele não andava direito. Agora ele está lindo, todo espivitadinho. Ele é todo bonzinho, ele é todo denguinho, uma graça. Tem uns que a gente realmente gosta mais, outros a gente acha chato, de pular muito, ser muito carente.

A proximidade com os animais de companhia gera o risco de humanização de suas atitudes e necessidades, o que Philippe Descola chama de “sistema anímico”,

ou seja, uma inversão simétrica de classificações totêmicas: enquanto essas últimas usam relações diferenciais entre as espécies naturais impondo uma ordem conceitual à segmentação social, os sistemas anímicos empregam as categorias elementares, estruturando a vida social para pensar as relações entre os homens e as espécies naturais. (DESCOLA, 2002, p. 107)

Há um esforço entre os veganos de compreender as necessidades reais dos animais com os quais eles convivem. Felipe acha ridículas pessoas que vestem seus cães: “Rio de Janeiro, 40 graus e o cão de roupinha. Às vezes o cão está com sede, um calor infernal, com roupinha, sapatinho, mas não tem uma vasilhinha de água para o cão”. Os veganos têm cautela ao julgar o que os animais sentem ou não sentem. Roberto tenta não

transferir aos animais conceitos que considera estritamente humanos. Ao ser questionado se o galo havia desenvolvido algum afeto pela sua família, ele diz:

Afeto, talvez sim. Mas porque nós chamamos de afeto. Talvez para ele seja 'são conhecidos, me fornecem comida, então eu tenho que tratar eles bem'. Talvez ele veja a gente como parte da família dele, que sabe que não vai agredi-lo. Ele já deu alarme de gente estranha no portão. Imagina galo fazendo barulho, igual cachorro, porque tem gente que ele nunca viu se aproximando! Os galos, como cachorro e gato, têm formas dispare de se relacionar com humanos. Eu mesmo não gostaria de chamar de afeto porque é do nosso ponto de vista como humano.

O fato dos humanos gostarem de manter animais de companhia é visto como uma demonstração de “carência afetiva” por alguns dos entrevistados. Para Roberto, “só temos animais domésticos porque somos seres que necessitam de afeto, gostamos de criar vínculos e, no momento, na sociedade que temos hoje, as pessoas andam muito solitárias”.

Os graus de empatia com as espécies animais utilizadas como alimento podem ser expressos na forma como se faz a transição gradativa de uma dieta onívora para uma dieta vegetariana. Sandra conta que o seu processo de abandono da carne animal demorou cerca de seis anos. A maior identificação com alguns animais influenciou nas suas escolhas.

Desde cedo somos ensinados a saber o que é igual e o que é diferente da gente, então o mamífero tinha algum vínculo comigo. Eu não enxergava o vínculo da senciência, mas eu enxergava o vínculo, sei lá, da amamentação. Não sei se teve a ver com a minha gravidez, não sei. Eu tinha cachorro e gato em casa, será que a vaca seria tão diferente do cachorro assim? É mamífero, amamenta, fica com os filhotes. É diferente de você pensar assim: um sapo põe os ovos e vai embora, deixa os ovos lá. Acho que teve a ver com isso. Mas hoje como eu separo os animais por causa da senciência, eles são indivíduos, eu reconheço isso. Não tem como utilizar bicho nenhum, porque eu reconheço todos em uma categoria. Mas até hoje, se eu tivesse que salvar um gato ou uma barata, eu não teria dúvida nenhuma em salvar o gato (risos). Eles não são iguais pra mim, mas em teoria eu acredito que são.

Sandra parou primeiro de comer carne bovina e suína, depois passou a não se alimentar de frango e, no último estágio, deixou de comer peixe. Para ela, a relação que temos com os diferentes animais é influenciada diretamente por nosso aparato perceptual:

O peixe se ferra, porque a gente não percebe tanto o sofrimento dele. Se olhar com cuidado que ele está ali abrindo a boca e fechando naquela angústia, que o olho

dele fica mais assim, que o rabo fica batendo, você percebe. Mas é muito mais difícil de perceber do que um grito.

Há animais sobre os quais os veganos raramente discutem: aqueles que costumam ser vistos como intrusos, em geral insetos. Gabi acredita que isso ocorra por esses animais dificilmente serem explorados pelos humanos. Para ela, cães e vacas são organismos mais complexos do que uma formiga, por exemplo. No entanto, não há discordâncias de que esses animais também devem ser considerados pela ética vegana, uma vez que também seriam animais sencientes.

### **5 - Tensões cotidianas na relação entre veganos e animais**

A domesticação é vista pelos veganos como um processo que condenou alguns animais à eterna dependência da espécie humana. Os veganos consideram a domesticação brutal e irreversível. Seu objetivo seria possibilitar a exploração dos animais. Entre os veganos entrevistados, percebe-se um sentimento de piedade por esses animais, o que talvez faça com que se sintam guardiões de seu bem-estar. Sandra e Gabi acreditam que a proteção dos animais de companhia é uma forma de reparação pelo mal causado a esses animais através do processo milenar de domesticação. Gabi explica como a manutenção de animais de companhia entra em choque com os ideais veganos:

Animal domesticado é o assunto mais delicado porque o ideal seria cada animal viver por sua própria razão, então não teria nenhuma interação direta com o ser humano, não teria essa dependência. Animal domesticado já é um erro por si só porque é um animal que vive dependente do ser humano, ele não tem habitat natural. O próprio cão foi criado a partir de lobo, foi modificado para ser uma espécie dependente, para servir ao ser humano. Então acho que a gente tem com eles um débito que a gente tem que pagar por meio da proteção. Se eles são seres dependentes, a gente não pode mais procriar esses seres porque eles já nascem como vítimas. A gente tem que ter uma política de não trazer ao mundo mais vítimas, já que eles não têm independência para viver por sua própria conta. E proteger ao máximo, integrar o animal à família.

Busca-se proteger tendo em vista o bem dos animais, mas é difícil deixar as próprias percepções sobre a melhor forma de se viver. Sandra é contra a ideia de que os animais domesticados sejam totalmente dependentes dos humanos, mas assume que tende a “ser protecionista, achar que os animais não vivem sem a gente”.

Os gatos e os cachorros não têm mais um habitat próprio. Não sei te dizer objetivamente o porquê, mas acho que a gravidez é um momento de risco porque, sei lá, eles passam fome. O gato não come todo dia quando está na rua. A gente não

está acostumado. Na natureza os animais passam fome de forma geral. Mas a gente não está acostumado a conviver com isso. Talvez isso incomode mais a nós do que a eles. O próprio nascimento, o filhotinho na rua pegando chuva. A gente se comove com isso.

A relação com os animais que transitam no lar dos veganos costumam ser carregadas de ambiguidade. Aqui incluo não apenas os animais de companhia, mas os animais vistos como intrusos, como ratos e baratas. Talvez isso ocorra porque esses animais são os únicos com os quais os veganos convivem diariamente. Desse ponto de vista, é no contato que têm com eles e nas escolhas que precisam tomar na relação com tais animais, que a ética vegana é testada.

Os insetos são vistos como antagonistas. Os veganos não consideram o extermínio desses animais como algo corriqueiro, mas admitem que não há empatia alguma com esses animais. Maurício tenta expulsar as baratas sempre que aparecem em seu quarto. Com nove cães, Gabi precisa constantemente matar pulgas e carrapatos. Ela vê essa atividade como necessária, já que eles podem transmitir doenças aos cães. Questionada se acaba se sentindo mal ao matar esses animais, Gabi diz que “nesse caso não, porque... não sei. Não sei se é a naturalidade da rotina e por não ter solução... Acho que já me senti mal, mas como não teve jeito... Parei para pensar se existe um sofrimento ali, mas não teve como”.

Sandra conta que, certa vez, teve que chamar a Comlurb para combater os ratos que se instalaram em sua casa. Ela se sente culpada pela morte dos ratos, mas entende que não havia como conviver com ratos, porque eles transmitem doenças que poderiam pôr em risco a sua família. Ela não suporta baratas, mas raramente as encontra ainda vivas.

Eu não tenho nenhum sentimento ruim por nenhum animal, de querer que não existisse. A não ser barata, barata eu tenho. Infelizmente é um sentimento bem ruim. Elas entram na minha casa. Me incomoda bastante. Não a existência delas, mas a existência delas na minha vida, a vinda delas para perto de mim (risos). Graças a deus eu não tenho que fazer nada porque os meus gatos fazem por mim. Eles matam todas as baratas que aparecem. Quando eles não fazem isso, eu abro a porta, pego uma vassoura e jogo elas para longe. Confesso que fico muito feliz quando encontro morta. Esse é um paradoxo vegano. Eu devia sofrer pela vida da barata porque ela é senciente. Eu jamais admitiria que uma pessoa fizesse experimentação com uma barata ou prendesse uma barata, mas o fato de tirar ela aqui do meu convívio me deixa feliz.

A castração é uma interferência vista pelos veganos como aceitável porque visa a melhoria de condições de vida do indivíduo animal e evita que outros animais nasçam

dependentes dos seres humanos. Para Gabi, a esterilização, como ela prefere chamar, “está naquele pacote de débito em que a gente tem que pensar por eles e proteger”. Roberto considera o tema “polêmico”, mas considera a castração como a consequência de “uma sociedade totalmente dependente de animais, que explora animais de várias formas, até para ter afeto”. Maurício não tem uma opinião concretizada sobre o tema:

Ao mesmo tempo que parece muito necessária para diminuir a quantidade de animais abandonados, estamos nesse controle, exercendo a superioridade da raça humana. É muito complicada essa questão. É uma parada que está sendo imposta mas que parece ser muito necessária.

Sandra acredita que não seja “uma violência tão grande, mas é uma violência. Pegar um animal, prender e levar pra castrar. Ele fica preso, fica um tempo ali convalescendo”. No entanto, ela avalia como um sofrimento válido, porque vai evitar que outros animais sofram. Em sua opinião, o sexo não tem a mesma centralidade para os outros animais como tem para os humanos, já que para eles “a vida sexual é mais para a reprodução”. Como ao ser castrado o animal deixaria de sentir desejo sexual, não se estaria privando ele de realizar as suas vontades. Sandra, ao mesmo tempo, acha que a posição dos seres humanos em meio a essas questões é um tanto incômoda: “É um pouco de arrogância nossa pensar que a gente tem que interferir na vida deles, que a gente que vai salvar, que a gente que vai evitar o sofrimento. Não sei como a gente sai desse paradoxo, é complicado”.

O contato diário com os animais de companhia também gera dilemas. Os veganos entrevistados acreditam que é preciso impor limites para manter a boa convivência entre as espécies. Maurício acha que o adestramento, desde que não seja realizado de forma violenta, “torna a nossa convivência mais confortável. O Tico nunca aprendeu a fazer xixi lá fora e isso me irritava. Para mim seria mais fácil e para ele seria indiferente”. Sandra também acredita que o adestramento pode ser utilizado para facilitar a comunicação entre tutor e animais de companhia.

Eu sou totalmente contra ‘senta, deita, rola’, isso eu acho completamente patético. Para o bem dos animais e dos outros que convivem é certo. Se o bicho é bravo, morde e destrói tudo acima do nível da normalidade, acho que pode sim usar um chocalhinho de arroz pra fazer barulho e controlar ele de alguma forma. Tem que controlar, assim como a gente faz com criança. A gente não tem como viver no mundo sem influenciar, sem moldar, sem educar uns aos outros. A gente vive fazendo isso.

Sandra tenta levar em consideração o modo de vida dos animais na hora de decidir se deve ou não tentar moldar os seus comportamentos. Ela lamenta que tenha que manter seus gatos presos, atitude que passou a tomar depois que um vizinho ameaçou matá-los por terem deixado a marca de suas patas no muro. Ela percebe a infelicidade que o cativado gera aos gatos e ainda considera a possibilidade de deixá-los livres para sair e voltar quando quiserem. Sandra não gosta que os gatos subam na geladeira, no fogão e na bancada da cozinha, mas acredita que deve respeitar algumas vontades deles.

Eles sobem, mas não tem jeito. Por mais que a gente ponha eles no chão vinte vezes, eles continuam subindo. Talvez para isso o borrifador funcionasse, mas eu nunca usei pra isso não, já acho um pouco agressivo porque é natural deles querer subir nos lugares mais altos. Acho que a gente tem que educar, tem que tolhir, de acordo com os limites da relação mesmo.

Questionados sobre o futuro dos animais em um mundo vegano, é comum que defendam, em primeiro lugar, a não interferência dos humanos na vida animal. No caso dos animais domesticados, a diminuição progressiva da demanda de produtos de origem animal e a castração dos animais de companhia causaria a extinção desses seres. Gabi é bastante clara ao explicar a sua posição:

Acho que a meta é não existir animal dependente de humanos e todos eles viverem de forma natural por suas próprias razões. Quando os animais estiverem vivendo por suas próprias razões, até a pulga e o carrapato vão estar, porque não vai ter o ser humano jogando produtos químicos para matá-las. É algo que a gente faz por existir a exploração animal mesmo, por ter os animais sob a nossa tutela, sob a nossa dependência.

Para os entrevistados, defender a extinção dos animais domesticados não é uma opinião contrastante com a ética vegana. Sandra acredita que para o indivíduo animal a extinção da espécie é indiferente.

Se ninguém botasse animal no mundo eles deixariam de existir. Eu acho ótimo, porque eu não me preocupo com a espécie em si. Acho que para a minha gata não importa que existam outros gatos no mundo além desses que ela está convivendo. Ela não tem essa coisa que nós temos de nos preocupar com a humanidade, 'Nossa, a humanidade vai deixar de existir'.

## **6 - Conclusão**

Com esse estudo foi possível repensar alguns achados da minha dissertação de mestrado. Analisando as discussões da comunidade do Orkut "Veganismo", havia

chegado à conclusão de que, para os veganos, o animal figurava como simples objeto das ações humanas. Na fala dos veganos entrevistados, o animal aparece como sujeito dotado de interesses próprios. Embora três dos cinco entrevistados (coincidentalmente, todos os homens) vejam os animais não-humanos como seres movidos, predominantemente, por impulsos instintivos, nesse estudo as fronteiras entre a natureza e a cultura estão mais turvas. Para Sandra e Gabi, o animal não é uma entidade predominantemente biológica, eles são emocionalmente sensíveis, capazes de raciocinar, de elaborar estratégias de comunicação com os humanos, de ensinar e aprender técnicas. Com isso, não se pode afirmar que, para os veganos, humanos e animais habitem em dois pólos distantes, o da cultura e o da natureza. As diferenças entre o animal humano e o animal não-humano estão no nível da complexidade atingida pelas nossas capacidades cognitivas. Concluo, portanto, que há uma tensão entre os próprios veganos na forma de perceber o indivíduo animal, visto por alguns como movido unicamente por seus impulsos naturais e, por outros, como dotado de racionalidade e personalidade.

Quando falam dos animais, embora se refiram à categoria biológica, os veganos estão pensando em apenas algumas espécies. Eles se referem aos animais pelos quais possuem níveis mais elevados de empatia, em geral cães, gatos e outros animais domesticados. É o contato com os animais de companhia que costuma possibilitar a reflexão sobre a proximidade entre animais humanos e animais não-humanos. A relação com animais de companhia e animais “intrusos”, como ratos e baratas, exige dos veganos a adaptação de seus princípios éticos a situações cotidianas de conflitos de interesse entre espécies. Os veganos defendem a não-interferência dos humanos na vida de animais de outras espécies, mas o panorama atual torna esse ideal difícil de se realizar de forma plena. Os animais não estão apenas nos rótulos dos produtos que deixam de comprar, eles coabitam com os veganos. Isso significa que a ética vegana não se limita a uma postura de consumo. O veganismo busca a construção de uma nova forma de pensar a relação entre animais humanos e animais não-humanos, sejam eles cães, gatos, vacas, galinhas ou baratas.

## Referências Bibliográficas

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DESCOLA, Philippe. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. *Horizontes Antropológicos*, ano 8, n. 18, p. 93-112, 2002.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INGOLD, Tim. Introdução a “O que é o animal”. *Antropolítica*, n.22, p. 129-150, 2007.

LINHARES, Taiane. *Consumo, resistência e subjetividade: narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

THOMAS, Keith. *Man and the natural world: changing attitudes in England 1500-1800*. London: Penguin, 1983.